

Jeanine Mafra Migliorini
(Organizadora)



ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA E SOCIEDADE BRASILEIRA

 **Atena**
Editora

Ano 2021

Jeanine Mafra Migliorini
(Organizadora)



ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA E SOCIEDADE BRASILEIRA

 **Atena**
Editora

Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Gírlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Fernando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federacl do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andreza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Arquitetura contemporânea e sociedade brasileira

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremona
Correção: Flávia Roberta Barão
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Jeanine Mafra Migliorini

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A772 Arquitetura contemporânea e sociedade brasileira /
Organizadora Jeanine Mafra Migliorini. – Ponta Grossa -
PR: Atena, 2021.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5983-169-2
DOI 10.22533/at.ed.692211606

1. Arquitetura. I. Migliorini, Jeanine Mafra
(Organizadora). II. Título.

CDD 720

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Vivemos em uma sociedade em processo constante de mudanças, de ressignificações, um processo cada vez mais acelerado pela tecnologia e isso pode ser percebido diretamente na arquitetura e no urbanismo. É necessário que se discutam essas transformações de maneira crítica para que a produção dessa área seja concreta, de qualidade e aplicável ao cotidiano. Este livro apresenta textos que trazem à tona discussões pertinentes acerca do já construído e do porvir das edificações e do urbano.

A percepção de que o espaço que vivemos tem uma importância histórica e que não se pode simplesmente apagar o passado (ou demolir, neste caso) e iniciar uma nova jornada, livre de tudo, é imprescindível para criarmos metodologias que analisam essa trajetória dos bens históricos materiais e imateriais e a seleção do que deve ser mantido dessa caminhada. O que cuidar, como cuidar devem ser perguntas recorrentes no pensamento dos produtores do espaço.

Relevante também os estudos sobre como podemos manter tradições e métodos construtivos vernaculares e aplicar novas tecnologias e aprendizados para aumentar a qualidade do viver. É um caminho para dar consistência e valorizar cada traço da identidade desses métodos auxiliando no processo de permanência dos mesmos.

Discute-se a maximização da qualidade do urbano, dos espaços coletivos, dos quais a população deve se apropriar para gerar um sentido. Discutir o ambiente coletivo em várias esferas e escalas nos faz refletir como nossa própria ação cotidiana pode interferir na construção desse espaço.

O debate se expande além da totalidade da cidade grande e passa pelos pequenos locais dessa, como praças ou suas rotas caminháveis, onde intervenções pontuais podem trazer respostas positivas. Vai também para os municípios médios e pequenos, uma vez que todos são afetados por essa realidade de constante transformação e que precisam de interferências que antecipem situações e não apenas resolvam os problemas já surgidos.

Todo debate do urbano deve considerar o contexto, sua história e a implicação que esses projetos podem causar nas comunidades, e esse debate se estende ao pensarmos o futuro de nossas cidades. O que podemos fazer, como pensar e agir para construirmos um urbano melhor?

Tomando nossa história, nossa produção como base podemos debater e construir espaços repletos de memória, de identidade, de qualidade e modernidade em nossas casas e nossas cidades.

Boa leitura e muitas reflexões!

Jeanine Mafra Migliorini

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

PATRIMÔNIO CULTURAL DE PORTO MURTINHO MS

Maria Margareth Escobar Ribas Lima

Arlinda Cantero Dorsa

Rodrigo Mendes de Souza

Érika Santos Silva

Mariana de Barros Casagrande Akamine

Dagny Más

Andressa Silva Moura

Aline Yuri Shimabukuro

Amanda Lourenço Maciel

Ana Clara Chaves dos Santos Silva

Danilo Henrique de Freitas Quirino

Emmanuel Lemos da Conceição

Giovana Marques de Araújo Zafalon

Melyssa Rodrigues Lino

Raquel Pires de Freitas

DOI 10.22533/at.ed.6922116061

CAPÍTULO 2..... 15

ANTIGO MERCADO DE SANTO AMARO E SUA INSERÇÃO URBANA

Nathalia Gomes da Costa

Maria Augusta Justi Pisani

DOI 10.22533/at.ed.6922116062

CAPÍTULO 3..... 33

ESTUDOS BIOCLIMÁTICOS DA HABITAÇÃO RIBEIRINHA AMAZÔNICA: ANÁLISE DOS SISTEMAS DE FECHAMENTO VERTICAIS E AS ABERTURAS

Luís Gregório Piérola

Celia Regina Moretti Meirelles

DOI 10.22533/at.ed.6922116063

CAPÍTULO 4..... 48

A BIOMIMÉTICA COMO FERRAMENTA NA REVITALIZAÇÃO DE AMBIENTES DE ESTUDO E PESQUISA: CASO DO INTECHLAB

Maria Clara Cazita Soares Silva

Isla Vitoria Carvalho Lopes

Luciana Patrícia Ferreira

Mariana Martins Drumond

DOI 10.22533/at.ed.6922116064

CAPÍTULO 5..... 60

DIREITO DE LAJE: O ACESSO À MORADIA E A POSSÍVEL PERPETUAÇÃO DA SEGREGAÇÃO SÓCIO ESPACIAL

Eliane França Conti

Thiago Chagas de Almeida

DOI 10.22533/at.ed.6922116065

CAPÍTULO 6..... 70

OS SISTEMAS DE ESPAÇOS LIVRES E A CIDADE: A PERCEPÇÃO DA POPULAÇÃO EM RELAÇÃO ÀS PRAÇAS PRÓXIMAS ÀS INTERVENÇÕES OLÍMPICAS DO RIO DE JANEIRO

Felipe Buller Bertuzzi
Grace Tibério Cardoso

DOI 10.22533/at.ed.6922116066

CAPÍTULO 7..... 82

O CONCEITO DE PLACEMAKING APLICADO A REINVENÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS DE SÃO PAULO: UMA ANÁLISE DAS PRAÇAS VICTOR CIVITÁ E HORÁCIO SABINO

Virginia Candido Lemes Benavent Caldas
Gabriela Moraes Gomes

DOI 10.22533/at.ed.6922116067

CAPÍTULO 8..... 97

RURALIDADES NO URBANO E SUA INFLUÊNCIA NA DINÂMICA SOCIOESPACIAL DA CIDADE DE BONITO (BA)

Taiane dos Santos Nascimento
Agripino Souza Coelho Neto

DOI 10.22533/at.ed.6922116068

CAPÍTULO 9..... 110

RURALIDADES NO URBANO E INSERÇÃO EM REDE URBANA: ESTUDO DE CASO DA CIDADE DE MAIRI (BA)

Ana Carla Freitas dos Santos
Agripino Souza Coelho Neto

DOI 10.22533/at.ed.6922116069

CAPÍTULO 10..... 123

REFERENCIAIS DE IDENTIDADE DO ESPAÇO URBANO DO TATUAPÉ: PERCEPÇÃO DO PEDESTRE EM ROTAS CAMINHÁVEIS

Silvia Pereira de Sousa Mendes Vitale
Denilsa Aparecida Marques
Edvania Delmiro Viana
Gabriel Rodrigues dos Santos
Milena Rodrigues de Almeida

DOI 10.22533/at.ed.69221160610

CAPÍTULO 11 139

AVALIAÇÃO DAS RUPTURAS URBANAS ATRAVÉS DO MAPEAMENTO COMPORTAMENTAL: UM ESTUDO EM VILA VELHA/E.S

Ana Paula Rabello Lyra
Nayra Carolina Segal da Rocha
Débora Firme Santana Vaz

Caroline Crys da Silva Teixeira

DOI 10.22533/at.ed.69221160611

CAPÍTULO 12..... 152

DOS CAMPOS AO CONCRETO: O DESENVOLVIMENTO URBANO DE CAMPO MOURÃO

Caio Felipe de Souza Fialho

DOI 10.22533/at.ed.69221160612

CAPÍTULO 13..... 169

DESENVOLVIMENTO DE METODOLOGIA DE DIAGNÓSTICO E MICROPLANEJAMENTO URBANO APLICADO NO CENTRO DA CIDADE DE COLATINA-ES

Amanda Manola

Anna Karolina Salomão

Sérgio Miguel Prucoli Barboza

DOI 10.22533/at.ed.69221160613

CAPÍTULO 14..... 184

ESTUDO DO MICROPLANEJAMENTO URBANO E SUA VIABILIDADE EM UMA CIDADE DE PEQUENO PORTE

Anna Karolina Salomão

Amanda Manola

Sérgio Miguel Prucoli Barboza

DOI 10.22533/at.ed.69221160614

CAPÍTULO 15..... 198

DA PORTA PARA DENTRO, DA PORTA PARA FORA: A RUA PODE SER A EXTENSÃO DA CASA?

Maria de Lourdes Carneiro da Cunha Nóbrega

Isabella Leite Trindade

DOI 10.22533/at.ed.69221160615

CAPÍTULO 16..... 211

EM PARALELO - UMA HIPÓTESE PARA O SÉCULO XXI
OCUPAÇÃO DO ESPAÇO AÉREO COMO ALTERNATIVA DE ADENSAMENTO E PRESERVAÇÃO DO TECIDO URBANO

Maurício Addor Neto

DOI 10.22533/at.ed.69221160616

SOBRE A ORGANIZADORA 235

ÍNDICE REMISSIVO..... 236

DA PORTA PARA DENTRO, DA PORTA PARA FORA: A RUA PODE SER A EXTENSÃO DA CASA?

Data de aceite: 01/06/2021

**Maria de Lourdes Carneiro da Cunha
Nóbrega**

<http://lattes.cnpq.br/7085859535655335>

Isabella Leite Trindade

<http://lattes.cnpq.br/9062387676156297>

RESUMO: A rua é hoje um elemento chave para as boas práticas de planejamento urbano que visam à sustentabilidade ambiental e econômica do lugar. Através da visão conceitual e antropológica de DaMatta (1997), sobre o exercício da cidadania no Brasil, e das recomendações urbanísticas de Ghel & Svarre (2018), que promovem o uso da rua como um espaço cidadão, experiências com projetos de parklets executados na cidade do Recife (Brasil) e em Toronto (Canadá) são analisados e a rua é discutida enquanto espaço de cidadania nas duas cidades. Nestas, as culturas e formas de ver e vivenciar a rua se mostram diferentes, refletindo, conseqüentemente, diferentes soluções projetuais para o uso da mesma, bem como para o uso e apropriação do espaço público urbano.

PALAVRAS-CHAVE: Placemaking. Parklets. Projeto Urbano. King Street Pilot.

ABSTRACT: Currently, a street is a key element for good urban planning practices that aim at the environmental and economic sustainability of a place. Through the conceptual and anthropological vision of DaMatta (1997) on the exercise of citizenship in Brazil, and the urban

planning recommendations of Ghel & Svarre (2018) who promote the use of the street as a citizen space, experiences with parklet projects in Recife (Brazil) and in Toronto (Canada) are analyzed, and a street is discussed as a citizenship space in both cities, whose cultures and ways of seeing and experiencing streets are different, reflecting consequently different design solutions as well as the use and appropriation of urban public space.

KEYWORDS: Placemaking. Parklets. Urban Design. King Street Pilot.

1 | INTRODUÇÃO. A RUA PODE SER A EXTENSÃO DA CASA?

Observações de diferentes experiências com *parklets* na cidade do Recife (Brasil) e em Toronto (Canadá) motivaram a elaboração deste texto, através do qual, procura-se registrar essas duas experiências e apresentar argumentos, críticas e reflexões teóricas que auxiliem na redefinição de possíveis estratégias para a implantação de equipamentos semelhantes em outras cidades brasileiras.

Para tal, duas ações específicas no Recife e uma em Toronto foram observadas. No Recife, o *parklet* (fruto de uma ação de *placemaking*) da Rua Oliveira Lima, no bairro da Soledade, e o *parklet* da Rua do Bom Jesus, no Bairro do Recife, e em Toronto, o projeto-piloto desenvolvido para a *King Street*, que abriga vários equipamentos urbanos desse tipo em 44 novos espaços públicos.

Placemaking, também chamado urbanismo tático, é uma ferramenta que envolve planejamento, projeto e execução de projetos urbanos que visam à rápida transformação de espaços públicos, de forma que estes passem a promover a sua utilização pelas pessoas (no caso, pedestres), estimulando a permanência e a interação delas em lugares antes não ocupados ou subutilizados.

Os *parklets*, que podem surgir de ações de *placemaking*, são estruturas temporárias e consistem em pequenas extensões construídas para fora da calçada, que podem ocupar o espaço de uma a três vagas de estacionamento. Geralmente funcionam como lugares para sentar, descansar, podendo ser também extensões do comércio existente ao longo da via, mas não de uso exclusivo deste, pois constituem-se como espaços públicos de permanência, que convidam as pessoas a ali permanecerem e usufruírem do lugar – neste caso, o espaço público, mais especificamente a rua.

Segundo o Guia Global de Desenho de Ruas (SENAC SP, 2018, p. 4), morfologicamente:

Uma rua é uma unidade básica do espaço urbano por meio da qual as pessoas vivenciam a cidade. É frequentemente mal interpretada como superfície bidimensional por onde passam os automóveis ao se deslocar de um lado para outro. As ruas são, de fato, espaços multidimensionais compostos por muitas superfícies e estruturas. Elas se estendem da face de uma propriedade a até a outra, incluindo beiradas de construções, usos do solo e recuos que marcam cada lado. Oferecem espaço para circulação e acesso e possibilitam uma variedade de usos e atividades. As ruas são espaços dinâmicos que se adaptam com o passar do tempo para favorecer a sustentabilidade ambiental, a saúde pública, a atividade econômica e a importância cultural.

Sobre a caracterização da “rua”, e sob o olhar antropológico de DaMatta (1997, p. 15), esta é para os brasileiros uma “província ética, dotada de positividade e domínios culturais institucionalizados”, por isso pode “despertar emoções, reações, leis, orações, músicas e imagens esteticamente emolduradas e inspiradas”. Muito mais que um espaço apenas morfologicamente definido, a rua é uma “esfera de ação social”. Todavia, apesar de a rua possuir um caráter público, é em casa que os brasileiros se sentem “supercidadãos”. Em casa podem: exigir, requerer (coisas e espaços) e fazer “coisas que são condenadas na rua”. Ao passo que na rua o indivíduo se vê “subcidadão”, pois a rua é o lugar do anonimato, da falta de voz, onde se está à “mercê das autoridades”. Lugar onde os problemas passam a ser problemas do governo e a “vergonha passa a ser problema de Estado” (DaMatta, 1997, p. 20).

E assim o brasileiro esbraveja em seus conflitos entre paredes: “vá para o olho da rua!”, lugar no qual, segundo DaMatta (1997, p. 53), o indivíduo passa a ser percebido de um ponto de vista não mais familiar, mas “impessoal e desumano”, e a rua, nestes casos, passa a ser conotada como “a rua da amargura”. Diferentemente dos “olhos para a rua” recomendados por Jacobs (2007), que promovem a vigilância social das pessoas para as pessoas nos espaços de uso público, esse “olho da rua” é aquele que tudo vê, mas que

também tudo julga.

As ruas do Recife, como as de outras cidades brasileiras que sofrem com problemas sociais, econômicos e de violência urbana, trazem consigo a condição de espaços públicos perigosos, onde pode ser encontrada toda a sorte de marginais e perigos – melhor ir de carro para não topa com nenhum deles! É o que dizem as pessoas motorizadas. Andar a pé passa a ser uma tarefa perigosa, e o automóvel a opção, para aqueles que o possuem, mesmo para a locomoção em pequenos trajetos.

Todavia, se por um lado as ruas do Recife carregam características negativas para a promoção da mobilidade a pé, por outro, o Recife apresenta um tecido urbano drenado por vias, configurado a partir de diferentes processos de ocupação urbana iniciados desde a sua colonização, dada a partir do seu centro histórico. A cidade cresceu e é o centro da Região entendida como Metropolitana do Recife (RMR). Seu maior período de expansão ocorreu ao longo do século XX, através da expansão de sua malha viária, que possibilitou a integração do território por meio de locomoção automotiva, predominando o uso intenso do automóvel e do ônibus como principais formas de transporte da população. Assim, as vias que integram o sistema viário da RMR possibilitaram a formação desse território e promoveram transformações relevantes no que tange ao tecido histórico do Centro Histórico, bem como no desenho (e redesenho) urbano das mais diversas áreas do território.

Por outro lado, como fruto de anos de planejamento e ações que visaram à locomoção de veículos na cidade, são encontrados nas ruas que alimentam o território, elementos urbanos como: ilhas de “gelos baianos” – que ora servem como refúgios, ora separam vias; poucas áreas de permanência para pedestres; inúmeras áreas residuais remanescentes de aberturas de ruas; calçadas pouco convidativas para a locomoção a pé, ou mesmo trechos de vias sem calçadas, subtraídas em função do alargamento de vias. A cidade é, assim, um reflexo de ações e planejamentos direcionados ao tráfego do automóvel. Consequentemente, o meio urbano pouco avançou no convite aos cidadãos para usufruírem a cidade a pé e utilizarem os espaços públicos como áreas de permanência, pois estes são, na sua maioria, caracterizados como apenas espaços de passagem.

Hoje, à luz da sustentabilidade urbana, a premissa para se caracterizar um bom lugar nas cidades é fazer com que o espaço público passe a ser, em si, um bom lugar, o que parece óbvio. Entretanto, encontrar-se em um bom lugar não é tarefa fácil quando o território foi projetado para o automóvel, acrescentado à sensação de se estar “no olho da rua”. Para caracterizar-se como um bom lugar, são necessárias uma convivência com um tráfego de automóvel que não seja hostil e a promoção da livre, saudável, segura e confortável locomoção de usuários não motorizados nos espaços públicos (Ghel, 2015). O bom lugar é aquele no qual todos se sentem atraídos para ali estar.

Para se planejar um espaço público qualitativamente bom para as pessoas, Ghel & Svarre (2018) apontam a necessidade de ações de planejamento que se iniciem a partir

do estudo das pessoas usuárias do espaço que será alvo de intervenção – observar as diferentes atividades que são desenvolvidas no lugar pelos seus usuários e passantes, bem como o comportamento das pessoas que o utilizam. Ou seja, os encontros, as trocas comerciais, os jogos, as conversas, as atividades humanas que fazem o lugar. E também, neste processo de observação, contar. Contar a quantidade de pessoas e veículos motorizados e não motorizados que passam, contar aquelas que ficam e permanecem, procurando nas pessoas que utilizam o lugar respostas para seu planejamento e ações projetuais futuras.

As observações, as contagens de fluxo e mapeamento de possíveis áreas de permanência – em diversos dias e horários – fornecem números e quantitativos que auxiliam na qualificação dos projetos a serem desenvolvidos, buscando, assim, promover a transformação de lugares que, em decorrência do antigo planejamento voltado para o automóvel, configuram-se apenas como espaços de passagem em possíveis lugares de permanência. Ações denominadas de *placemaking* passam então a fazer parte das atividades de planejamento de lugares (para estar) na cidade.

Assim, partindo desse entendimento preliminar das necessidades expostas por Ghel & Savarre (2018), que fazem parte do planejar e do projetar os espaços públicos urbanos, bem como o sucesso ou não dessas iniciativas junto à população, é que os *parklets* apresentados a seguir passaram a ser observados (*in loco*) e discutidos comparativamente.

21 O PARKLET DA RUA DO BOM JESUS

O histórico Bairro do Recife, onde se encontra o *parklet* da Rua do Bom Jesus, núcleo da formação do Recife, após um longo processo de esvaziamento e conseqüente degradação dos seus imóveis no decorrer do século XX, teve as suas primeiras ações de revitalização a partir da década de 1990, com a implantação do Plano de Revitalização do Bairro do Recife pela Prefeitura da cidade. As primeiras ações foram motivadas pelo uso comercial dos imóveis existentes na própria Rua do Bom Jesus, em 1993, quando diversos sobrados desta rua, antes vazios e degradados, foram restaurados e reformados para abrigar atividades de comércio e serviços, principalmente bares e restaurantes.

A rua teve então as suas calçadas alargadas para a colocação de mesas e cadeiras que serviam a esses estabelecimentos. Criou-se, assim, uma calçada que abriga uma faixa para passagem de pedestres e acesso aos imóveis, e uma larga faixa que abriga o estar e a permanência do mobiliário urbano e pessoas (mesas e cadeiras das atividades comerciais, bem como postes e lixeiras). Hoje os bares e restaurantes não são mais os usos predominantes dos imóveis situados na via, os quais foram substituídos por atividades institucionais e de serviços, mas a calçada que foi alargada ainda se encontra lá, agora sem as mesas e cadeiras dos bares que não mais existem, esperando um novo mobiliário para permanência, ou para que venha a novamente atrair o passante e configurar-se como

uma área de estar.

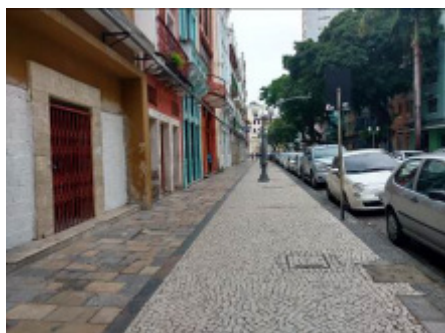


Fig. 01. Calçada histórica da Rua do Bom Jesus ampliada para colocação de mesas e cadeiras na década de 1990. Fotografia: Autora, 2018

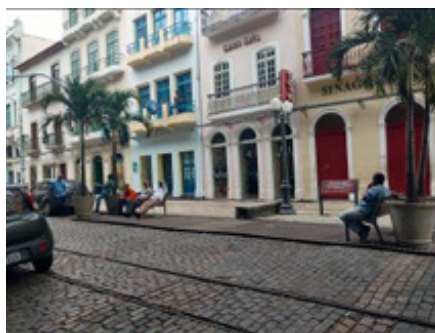


Fig. 02. *Parklet* na Rua do Bom Jesus, Bairro do Recife, que ocupa vagas de estacionamento. Fotografia: Autora, 2018

O *parklet* da Rua do Bom Jesus toma o lugar de vagas de estacionamento de veículos da rua. Entretanto, ao mesmo tempo em que procura priorizar o pedestre, negando o automóvel, ao ocupar as vagas de estacionamento, nega também a existência do grande espaço vazio destinado a mesas e cadeiras, já projetado para isso nos anos 1990, quando uma calçada histórica foi ampliada para esse fim. Esta calçada possui uma clara definição daquele que foi seu antigo traçado (constituído de antigas pedras de Lioz em forma de lajotas) e a nova área acrescida, ladrilhada em mosaico português na cor bege.

Este *parklet* foi construído com piso em madeira, tipo *deck*, que delimita seu espaço de localização, bancos venezianos (em aço e madeira) e vasos em concreto, nos quais estão plantadas palmeiras, e todos os elementos são soltos, permitindo fácil desmontagem.

3 | O *PARKLET* DA RUA OLIVEIRA LIMA

No Centro da cidade, no bairro da Soledade, um *parklet* foi instalado junto ao refúgio que abriga o busto do historiador, escritor e diplomata recifense Oliveira Lima (1867-1928). Área de grande fluxo de pedestre, ligação direta com o principal corredor de transporte público da região, a Avenida Conde da Boa Vista, a mesma possui calçada de difícil acesso, por estar ocupada por árvores de grande porte, com raízes que ocupam toda a largura da calçada, dificultando a vida daquele que passa por ali.

A calçada também abriga um comerciante fixo de rua, numa “vendinha”, que faz a sua parte e põe em prática as recomendações de Ghel & Svarre (2018), praticando a vigilância social da área e promovendo a permanência de pessoas em mesas e cadeiras (mesmo que colocadas de forma improvisada junto à sua barraca), ratificando, assim, o que expõe DaMatta (1997, p. 55), quando diz que: “na gramaticidade dos espaços brasileiros, rua e casa se reproduzem mutuamente”, pois na rua é possível encontrar locais “ocupados

permanentemente por categorias sociais que ali vivem como se estivessem em casa”. Recife dos Mascates, assim foi conhecida a cidade, por abrigar aqueles que vivem a comercializar nas ruas, desde a sua colonização.

Para montagem deste *parklet* houve uma chamada pública nas redes sociais e uma panfletagem. Todavia, esta chamada não repercutiu efeitos sobre a população local, que, sem envolvimento no processo de planejamento como um todo, não compareceu.

O *parklet* lá instalado, diferentemente do *parklet* existente na Rua do Bom Jesus – o qual, apesar de desmontável, possui materiais de maior durabilidade e mais pesados –, foi construído rapidamente, em uma ação de *placemaking*, com paletes (leves engradados de madeira) fixados com pregos. E para marcar o local de sua instalação, foi feita uma pintura na rua. O equipamento, previsto para funcionar como poltronas de leituras (de livros também colocados no local), foi pouquíssimo utilizado pelos transeuntes, permanecendo no lugar por apenas nove dias – do dia 16 de junho, quando da sua montagem, ao dia 25 de junho, quando passou a inutilizável. Suas partes foram paulatinamente roubadas à noite, horário no qual a área de pouquíssimo uso habitacional tem suas atividades comerciais encerradas, perdendo, assim, a vigilância social noturna.

Algumas indagações permanecem após esta ação. Não seria melhor fazer com que o *parklet* fosse uma extensão da calçada onde a “vendinha” é situada? Assim o comerciante poderia se sentir responsável pelo equipamento, tomando conta do mesmo? Esta indagação decorre da análise dos fluxos e permanências do lugar, que aponta a área da barraca como a de maior permanência e passagem de pessoas no local, e levanta um questionamento sobre a necessidade de se planejar, com base nas recomendações de Ghel & Svarre (2018), as ações de *placemaking*.

Ou, por outro lado, estar associado à venda não seria relevante, pois a atual crise brasileira favorece esse tipo de procedimento e os paletes seriam roubados de qualquer maneira? Ou seria possível afirmar, replicando DaMatta (1997), que na esfera social da rua essa é a prática daqueles que se sentem “subcidadãos”?



Fig. 03. Montagem do *parklet* da Rua Oliveira Lima, em 16 de junho de 2018. Autora, 2018



Fig. 04. *Parklet* da Rua Oliveira Lima montado, em 18 de junho de 2018. Foto: André Moraes, 2018.



Fig. 05. Desaparecimento do *parklet*, por ter suas peças roubadas paulatinamente, em 25 de junho de 2018. Autora, 2018

4 | O PROJETO-PILOTO NA KING STREET EM TORONTO

Assim, enquanto no Recife iniciativas com *parklets* promovem indagações e questionamentos quanto à forma de planejamento desses espaços, a gramática espacial aplicada em Toronto segue as recomendações que visam tornar a “cidade para pessoas” (Ghel, 2013), onde a rua deve passar a ser um bom lugar para estar e não apenas para circular. Desta forma, a prefeitura da cidade de Toronto criou uma série de diretrizes para estimular e ampliar o uso de *parklets* na cidade, entre essas o “Projeto Piloto na *King Street*”, uma das ruas mais movimentadas no centro da cidade, que envolve várias ações, incluindo restrições ao tráfego de automóvel particular, priorização do transporte público, ciclovias e criação de *parklets* e espaços públicos de permanência ao longo de um percurso de 2,6 km.

O projeto na *King Street* atraiu muita atenção graças ao envolvimento de alguns dos maiores nomes do design e do planejamento urbano: *Gehl Architects*, liderada por Jan Gehl, cujos estudos constituem base conceitual deste trabalho, e é visto como um influente pensador urbano da atualidade, famoso por seu trabalho na Dinamarca e por ter escrito o relatório que levou à rápida transformação urbana da cidade de Nova York; e *Sam Schwartz Transportation Consultants*, chefiada pelo antigo comissário de transportes da cidade de Nova York. Ambos possuidores de abordagens e ferramentas que incentivam a prática de projetos-pilotos de rápida implementação e de baixo custo, usando materiais temporários, permitindo que as pessoas se acostumem às novas ideias implantadas e também permitindo a coleta de dados sobre os resultados no tráfego e no uso das calçadas.

Esse foi o primeiro passo para o *King Street Visioning Study*, lançado em 2017, com o objetivo de desenvolver uma visão transformadora para a *King Street* e gerar ideias de design para melhorar as operações de tráfego, melhorar a identidade da rua e a criação de lugares e melhorias para o setor público. Junto com o projeto-piloto da *King Street*, a prefeitura promoveu em janeiro de 2018 o concurso “*Everyone is King: Design Build Competition*”, para a instalação de espaços públicos temporários ao longo da via. *Parklets* foram construídos entre abril e maio, e a maior parte deles ficou instalada até o final de dezembro de 2018, quando começa o inverno canadense. Esse mesmo concurso vem se repetindo e aconteceu em 2019 e recentemente em 2020.

No total, o projeto-piloto para a *King Street* envolve 44 novos espaços públicos; 02 *parklets* permanentes, 10 instalações temporárias, 12 iniciativas que incluem áreas de estacionamento de bicicletas, plantio de novas árvores, instalação cadeiras nas calçadas, 16 pátios para cafés, e um projeto desenvolvido por quatro estudantes e recém-formados (parceria entre a prefeitura e a Ryerson University).

O concurso foi elaborado em duas etapas: a primeira com a submissão de propostas conceituais para cada um dos lugares específicos, a segunda fase com as equipes selecionadas desenvolvendo o projeto detalhado e sendo responsáveis pela instalação

e remoção dessas estruturas. A dimensão desses espaços varia de acordo com o lugar a ser implantado, variando em profundidade - de 1,95m a 2,45m; e largura - de 15m a 138m. As instalações são divididas em três categorias: a primeira de curta duração (1-30 dias), a segunda de média duração (3 meses) e a categoria de longa duração (8 meses). A prefeitura subsidia o projeto, com os valores variando conforme a categoria: 1) curta duração (\$500), média duração (\$100 dólares por metro linear, mínimo de \$2000) e longa duração (\$200 dólares por metro linear, mínimo de \$4000).

Dentre os projetos implantados em 2018, destacam-se neste artigo os parklets denominados: *Everyone is (a) Kid*, *The Spark*, *The Present Moment*, *Would You Rather*, *The King / St*, *Face to Face/Tête-a-Tête* e *Woggle Jungle*, por possuírem, como os parklets do Recife, materiais leves, desmontagem rápida e fácil remoção.

Everyone is (a) Kid trata-se de uma instalação construída usando uma série de engradados plásticos de bebida na cor amarela e compensado de madeira, usados para criar áreas de sentar e para estruturar as caixas plásticas e vegetação. A ideia remete a um lugar para a criança brincar, inspirado no jogo de montar infantil LEGO. Constituindo-se, assim, como um local para relaxar, sentar e explorar.



Fig. 06. *Everyone is (a) Kid* na King Street, Toronto. Fotografia: Autora, 2018



Fig. 07. *The Spark*. Fotografia: Autora, 2018

The Spark constituiu-se de uma instalação com bancos, 04 bicicletas fixas e iluminação no piso que só aparece se alguém estiver pedalando. Um projeto focado em atividade física, interação entre usuários a partir da iluminação criada através do movimento dos pedais das bicicletas e diversão. A ideia, segundo os autores, é também estimular a produção de energia limpa.

The Presente Moment tem como foco o agora, a possibilidade de se ter um lugar para fazer uma pausa no meio de uma cidade movimentada. O *parklet* consiste em mural no piso, cadeiras *Muskoka*, e plantas ao redor.



Fig. 08 *The Present Moment*.
Fotografia: Autora, 2018



Fig. 09. *Would You Rather*. Fotografia: Autora, 2018

Would You Rather constituiu-se de uma experiência interativa, na qual as pessoas (crianças principalmente) podiam tocar e girar as bolas de duas cores. Uma referência a um jogo muito popular na América do Norte, em que os participantes devem escolher entre dois cenários desafiadores e explicar o porquê da escolha. Além dessa parte interativa, a instalação ofereceu lugar para sentar como uma extensão desse equipamento.

The King / St. foi projetado para ser um “parque urbano verde modular” na cidade, confeccionado com material feito a partir de resíduos têxteis automotivos reciclados e permitindo o crescimento real de grama. Visto de cima, os vazios entre as plantas, mesinhas e bancos em várias alturas, formam a palavra “KING ST”.



Fig. 10 *The King / St.*
Fotografia: Autora, 2018



Fig. 11. *Face to Face/Tête-à-Tête*. Fotografia: Autora, 2018

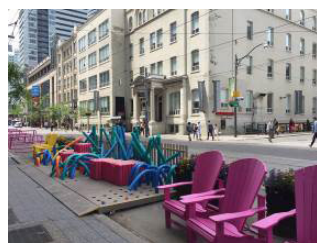


Fig. 12. Figura 13. *Woggle Jungle*. Fotografia: Autora, 2018

Face to Face/Tête-à-Tête propôs um lugar para conversas e espaço compartilhado; uma parada para fazer um lanche, com duas mesas longas, uma voltada para a rua e outra para a calçada, bancos contínuos e vegetações ao redor. O espaço foi pintado nas cores azul e laranja para chamar a atenção de quem circula pela agitada *King St.*

Woggle Jungle procurou conceitualmente criar um miniparque, com vários

macarrões de espuma coloridos, como os usados em piscina, que foram espalhados sobre uma estrutura de madeira para criar um ambiente que incentiva interatividade e diversão, e outro conjunto com macarrões agrupados para formar assentos, lugar de descanso e interação social para adultos e crianças.

Em Toronto, o Poder Público viu o concurso como uma oportunidade de fazer com que mais pessoas se envolvessem no projeto da via: arquitetos, engenheiros, empreiteiros, estudantes, professores, além dos usuários dos espaços propostos que participaram do processo. O redesenho da rua, através de um concurso público, possibilitou também ter em mãos uma diversidade de ideias, permitindo – uma vez que as instalações são temporárias – testar uma gama de opções para melhorar a criação de lugares para se estar nas ruas, fomentando a discussão sobre o que se deseja para a cidade, criando, conseqüentemente, uma série de espaços públicos mais atrativos que potencialmente podem ajudar promover o comércio local, com a atração de mais pessoas transitando a pé pelo lugar.

Toronto é uma cidade que favorece o uso da rua pelo pedestre e procura promover constantemente o uso e a criação desses espaços de convivência, seja através de concursos públicos realizados através da prefeitura, seja através de organizações denominadas incubadoras, como a *Public Space Incubator*, cujo objetivo é apoiar projetos-pilotos subsidiando propostas que testem formas inovadoras de dar vida aos espaços públicos subutilizados, como, por exemplo, vazios sob viadutos (ou baixios), becos, praças, etc. O que leva esses projetos a alcançar aceitação e êxito junto aos usuários é também a forma como são implantados, levando em consideração, sempre, a participação popular, via consultas públicas.

Essas consultas públicas, que abrangem uma ampla variedade de assuntos locais, são coordenadas com as diferentes esferas do Poder Público e sempre cumprem requisitos legais estabelecidos. O processo e a estrutura das consultas variam dependendo do projeto e é uma parte legítima do processo de tomada de decisão. A saída encontrada para lidar com os desafios reais dos grandes centros urbanos é feita de forma inclusiva, visando explorar novas ideias, ouvir a população, fornecer *feedback* e, ao mesmo tempo, criar uma abordagem mais saudável e sustentável para a vida urbana. É uma forma de conectar governo e população, garantindo, assim, que projetos estejam alinhados com os desejos da população.

5 | APAGANDO ESTIGMAS. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da exitosa experiência de Toronto, é possível perceber que, do ponto de vista contemporâneo, há uma intersecção que une conceitualmente aquilo que se entende por rua e aquilo que se entende por casa, ao menos na gramática norte-americana. As ruas hoje são vistas como “salas ao ar livre” e locais para se vivenciar a cidade (SENAC SP, 2018, p. 4). A rua passa, então, a não ser um espaço exclusivo de circulação, como foi

em resposta aos problemas decorrentes do desenvolvimento urbano do século XX, época em que, através da Carta de Atenas (1931), as funções urbanas foram compreendidas e divididas por: moradia, trabalho, lazer e circulação, promovendo, dessa forma, os meios de circulação automotivos como resposta à união destas funções.

Mas os padrões de desenvolvimento urbano do século XX, focados na baixa densidade construtiva e centrados no automóvel, mostraram-se falhos, inviabilizando a promoção de um urbanismo sustentável. Assim, “cidades adensadas com redes robustas de transporte multimodal têm sido mais adequadas para favorecer um crescimento sustentável, com oportunidades de vida” (SENAC SP, 2018, p. 3) na ótica do urbanismo contemporâneo.

As ruas, neste novo contexto do século XXI, passaram a assumir um novo papel de responsabilidade no planejamento das cidades e na qualidade de vida das pessoas, de forma que possam, através de seus projetos, promover oportunidades e equidade social, bem como saúde e segurança pública, auxiliando, portanto, na promoção da sustentabilidade ambiental e econômica do lugar (SENAC, 2018; Ghel, 2013).

Dessa forma, a rua não é mais vista como um espaço com funções antagônicas do espaço da casa. Os dois espaços passam, assim, a se configurarem como espaços complementares. Nesta complementaridade, a rua é um espaço onde se faz necessário que aqueles que o utilizam se sintam “cidadãos”, e não “subcidadãos”, como expõe DaMatta (1997) ao explicar o comportamento do brasileiro na rua.

Para DaMatta, este antagonismo presente na sociedade brasileira entre se sentir cidadão em casa e se sentir subcidadão na rua, que conseqüentemente reflete diferentes comportamentos nos dois espaços, ocorre em função do processo histórico que fundou a cidadania na sociedade brasileira (bem como na América Latina, de uma maneira geral), que difere do ocorrido em outros países de formação anglo-saxã.

Para DaMatta (1997, p. 76), no processo de formação dos países latino-americanos, não foi possível “abrir um espaço social e político para as manifestações individuais e locais”, já que tudo estava “rigidamente previsto e dominado pelo centralismo político, legal e religioso”. Ao passo que, em outras sociedades (como a norte-americana, por exemplo), o processo de formação das cidades se deu no sentido de “engendrar leis” que pudessem “inventar, estabelecer ou até mesmo salvar totalidades maiores e mais inclusivas”, ou seja, nas culturas como a norte-americana, a ideia de comunidade está fundada na igualdade e homogeneidade de todos os seus membros, concebidos, assim, como cidadãos (DaMatta, 1997, p. 76).

Portanto, partindo destas colocações do autor, como esperar que o Poder Público (representante desta sociedade que se vê subcidadã na rua), usuários dos espaços públicos, executores de obras públicas, projetistas e planejadores – ou seja, grupos pertencentes a esta sociedade que se entende como subcidadã na rua – passem a ver a rua como um espaço complementar às suas casas? E passem a planejar, projetar, executar e utilizar o

espaço da rua como se fosse um espaço privado.

Olhando a rua sob a luz dos conceitos e recomendações vigentes para o urbanismo contemporâneo, em que priorizar o pedestre passa ser a palavra de ordem, como é possível apagar essa marca negativa na forma como a sociedade brasileira vê a rua? Que, segundo DaMatta (1997, p. 58), “permanece fiel a uma visão interna do espaço da rua como algo movimentado, propício a desgraça e roubos, local onde as pessoas podem ser confundidas com indigentes e tomadas pelo que não são”.

Nas práticas do urbanismo contemporâneo, o processo de reconfiguração da rua compreende um processo que passa por várias etapas que compreendem: a análise do lugar, o envolvimento de todos os agentes e parceiros, o desenvolvimento de uma visão de projeto, o planejamento e o desenho, a construção, a avaliação de impactos e, por fim, a atualização das políticas geradoras desse processo (SENAC SP, 2018; Gehl, 2013; Gehl & Svarre, 2018). Constitui-se, assim, um processo de planejamento que é cíclico e promotor da integração permanente entre os diversos atores envolvidos, além de permanente autoavaliação.

Essas etapas são ações metodológicas a serem perseguidas continuamente, seja para ações locais – como instalações de *parklets* – seja para ações de maior abrangência. Ações de urbanismo tático são também precedidas de planejamento, estudos e interações entre todos os agentes envolvidos, mesmo que aparentem ser, na sua materialidade, ações efêmeras.

Neste sentido, a experiência de Toronto apresenta um caminho escolhido através do olhar que traduz a homogeneidade da sociedade e, conseqüentemente, daqueles que promovem as ações de planejamento urbano, concebido através do planejamento, neste caso, planejamento que integra os diversos atores que possibilitaram as exitosas iniciativas. Poder público, projetistas, população e executores de obras são (e estão) integrados para redefinir o espaço da rua. Entendendo este espaço como um espaço da esfera social. Não mais o espaço que está “da porta para fora de casa”, mas o espaço que se estende a partir da casa, ou do negócio, de cada um.

Ruas, estas, a cujos projetos poderiam ser atribuídos novos conceitos que possam, através das diferentes formas de apropriação dos espaços criados pelos (agora) cidadãos, apagar estigmas e promover um bom lugar para estar.

REFERÊNCIAS

DaMatta, Roberto. (1997). *A casa & A Rua. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Rocco.

Gehl. Jan. (2013). *Cidades Para Pessoas*. São Paulo, Editora Perspectiva.

Gehl. Jan e Svarre, Birgitte. (2018). *A Vida na Cidade. Como Estudar*. São Paulo: Editora Perspectiva.

Jacobs, Jane. (2007). Morte e Vida de Grandes Cidades. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2007.

SENAC SP (org.). Guia Global de Desenho de Ruas. São Paulo: Editora Senac, 2018.

Speck, Jeff. Cidade Caminhável. São Paulo: Editora Perspectiva, 2016.

Fontes Eletrônicas

Escritório Internacional dos Museus Sociedade das Nações. Carta de Atenas. 1931. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Atenas%201931.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2018.

Instituto da Cidade Pelópidas Silveira. Pesquisa Origem-Destino de Pessoas 2016. Disponível em: <https://www.dropbox.com/s/2vvn08jip7c5eqm/Relat%C3%B3rio%20Executivo%20-%20Pesquisa%20OD%20Recife%202016.pdf?dl=0>. Acesso em: 22 dez. 2018.

Park People. Public Space Incubator. Disponível em: <<https://parkpeople.ca/publicspaceinc/>>. Acesso em: 15 dez. 2018.

Toronto. Design Build Competition Background. Disponível em: <https://www.toronto.ca/city-government/planning-development/planning-studies-initiatives/king-street-pilot/public-realm/design-build-competition-background/>. Acesso em: 12 dez. 2018.

_____. Guidelines for Parklets. Disponível em: <https://www.toronto.ca/services-payments/streets-parking-transportation/enhancing-our-streets-and-public-realm/guidelines-for-parklets/>. Acesso em: 12 dez. 2018.

_____. King Street Transit Pilot. Disponível em: <https://www.toronto.ca/city-government/planning-development/planning-studies-initiatives/king-street-pilot/>. Acesso em: 12 dez. 2018.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adensamento 16, 124, 132, 211, 213, 214, 215, 216, 226, 232

Amazonas 33, 34, 35, 36, 46, 47

Antigo mercado de Santo Amaro 15, 16, 17, 20, 21, 24, 25, 27, 28, 30

Arquitetura de interiores 48, 49

B

Biomimética 48, 49, 50, 51, 52, 53, 58, 59

C

Cidade 2, 3, 5, 8, 9, 10, 13, 16, 17, 18, 20, 22, 23, 26, 29, 30, 31, 34, 35, 40, 46, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 75, 76, 78, 79, 80, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 91, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 103, 104, 106, 107, 108, 110, 111, 112, 113, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 125, 126, 127, 128, 130, 131, 132, 136, 137, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 169, 170, 172, 178, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 188, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 224, 230, 231, 232, 233

D

Desenho urbano 46, 85, 123, 124, 136, 137, 141, 218

Dignidade urbana 139, 141

Direito 28, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 75, 80, 151, 152, 161, 163, 164, 165, 166

Direito à cidade 64, 66, 67, 68, 80, 152, 161

E

Eixo histórico de Santo Amaro 18, 20, 21, 22, 23, 26, 30, 31

Escala do pedestre 123, 124, 136

Espaço aéreo 211, 212

Espaço público 71, 75, 79, 82, 83, 87, 92, 136, 143, 152, 165, 198, 199, 200, 216

Espaços de pesquisa 48

Experiência urbana 169, 186

G

Gestão colaborativa 82

I

Identidade urbana 123, 124, 131, 138

Intervenção urbana 169

J

Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro 70

M

Mapeamento comportamental 139, 144, 149

Metrópole 69, 127, 211, 212, 215, 216, 220

Mobilidade urbana 152, 153, 154, 158, 159, 162, 164, 165, 166, 167

Moradia 40, 46, 60, 61, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 143, 164, 192, 208

P

Parklet 191, 198, 201, 202, 203, 205

Patrimônio arquitetônico 8, 9, 15, 21

Patrimônio cultural 1, 2, 3, 4, 7, 9, 10, 12, 13, 14, 21, 22, 30

Patrimônio imaterial 2, 10, 13

Patrimônio material 1, 2, 15

Percepção dos usuários 70, 72, 80

Placemaking 82, 83, 86, 87, 88, 91, 94, 95, 198, 199, 201, 203

Planejamento urbano 22, 80, 83, 111, 127, 153, 161, 164, 166, 169, 181, 182, 184, 198, 204, 209, 215

Políticas públicas 60, 61, 63, 64, 66, 67, 68, 125, 128, 153

Porto Murinho 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14

Praça Horácio Sabino 82, 89, 90, 91, 94, 95

Praça Victor Civita 82

R

Referenciais urbanos 123, 124, 127, 128, 130, 132, 136

Regularização 60, 61, 65, 66, 67, 68

Rotas caminháveis 123, 124, 125, 126, 127, 130, 132, 133, 135

Rupturas urbanas 139, 140, 141, 144

Ruralidades 97, 98, 99, 100, 103, 107, 108, 110, 111, 113, 116, 117, 121

S

São Paulo 1, 6, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 46, 47,

59, 68, 69, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 88, 89, 95, 96, 108, 117, 122, 123, 124, 125, 126, 128, 130, 131, 132, 136, 137, 151, 166, 167, 183, 188, 196, 197, 209, 210, 211, 215, 219, 221, 233, 234

Sistema de espaços livres 70, 183

Sustentável 88, 124, 127, 137, 140, 152, 165, 207, 208

T

Transformação urbana 76, 124, 204, 211

U

Urbanismo 15, 29, 31, 37, 46, 47, 80, 89, 95, 96, 123, 124, 127, 137, 151, 152, 169, 170, 174, 181, 184, 185, 186, 190, 191, 195, 196, 199, 208, 209, 214, 235

Urbano 5, 8, 16, 19, 20, 21, 22, 26, 46, 61, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 72, 75, 79, 80, 83, 84, 85, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 103, 104, 106, 108, 109, 110, 111, 113, 116, 117, 118, 122, 123, 124, 125, 127, 128, 130, 132, 136, 137, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 152, 153, 154, 156, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 174, 181, 182, 184, 185, 186, 191, 194, 195, 198, 199, 200, 201, 204, 206, 208, 209, 211, 212, 213, 214, 215, 218, 219, 221, 224, 228, 231, 233

V

Ventilação natural 33, 37, 38, 42, 43, 45, 47

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 





[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA E SOCIEDADE BRASILEIRA

 **Atena**
Editora

Ano 2021

www.atenaeditora.com.br 
contato@atenaeditora.com.br 
[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 
www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA E SOCIEDADE BRASILEIRA

 **Atena**
Editora

Ano 2021